



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #4

JUNHO DE 2017

O Governo Trump e a América Latina: O Impacto nas Relações Brasil-México

Sobre o CEBRI

Independente, apartidário e multidisciplinar, o Centro Brasileiro de Relações Internacionais é pautado pela excelência, ética e transparência na formulação e disseminação de conteúdo de alta qualidade sobre o cenário internacional e o papel do Brasil. Engajando os setores público e privado, a academia e a sociedade civil em um debate plural, o CEBRI influencia a construção da agenda internacional do país e subsidia a formulação de políticas públicas, gerando ações de impacto e visão prospectiva.

Ao longo de dezenove anos de história, a instituição se destaca por seu acervo intelectual, pela capacidade de congregiar múltiplas visões de renomados especialistas, pela envergadura de seu Conselho Curador e pela pluralidade de seus mantenedores.

www.cebri.org

EXPEDIENTE Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Diretor de Relações Institucionais: **Tomás Amorim** | Coordenadora de Comunicação e Eventos: **Barbara Brant** | Coordenadora Administrativa: **Camila Guedes de Menezes** | Coordenadora de Projetos: **Luciana Gama Muniz** | Consultor em Comunicação e Conteúdo: **Nilson Brandão** | Analista: **Ariane Costa dos Santos** | Assistente: **Carlos Arthur Ortenblad Júnior** | Estagiário: **Vitor Burckarte Patelli** | Voluntários: **Arthur Costa, Barbara Muniz, Daniel Palhares, Gabriel de Barros Torres, Mariana Panero e Victor Carap** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org - www.cebri.org

MANTENEDORES CEBRI:



ASSOCIADOS DIPLOMÁTICOS:



Ard-Chonsalacht na hÉireann | São Paulo
 Consulate General of Ireland | São Paulo
 Consulado-Geral da Irlanda | São Paulo



CONSULADO GENERAL DE MÉXICO

PARCEIROS DE PROJETOS:



Coube ao Embaixador Andrés Rozental, do México, fazer a primeira palestra seguida de debate da série CEBRI *Breaking News* na nova sede da instituição, no bairro da Gávea, Zona Sul do Rio de Janeiro. Com 35 anos de carreira diplomática, Embaixador no Reino Unido entre 1995 e 1998 e na Suécia entre 1983 a 1988, Rozental foi o palestrante-chave do evento ‘O Governo Trump e a América Latina: O Impacto nas Relações Brasil-México’, mediado pelo Embaixador José Botafogo Gonçalves, Vice Presidente Emérito do CEBRI.

Rozental delineou o cenário de deterioração nas relações entre o México e os Estados Unidos desde a posse do Presidente Donald Trump. Apresentou os principais erros internos e externos da atual administração americana, os mitos criados em relação ao México e antecipou que seu país está disposto a conversar sobre o que desejarem os americanos e os canadenses, na esperada renegociação do NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), à exceção do que represente alteração substancial ao conceito fundamental de livre comércio do acordo.

Este Artigo CEBRI *Breaking News* traz amplo conteúdo de sua apresentação, que terminou com vigorosa indicação de que é o momento para México e Brasil aprofundarem o movimento de aproximação, sobretudo a partir da área econômica e de negócios. “É uma boa oportunidade para os dois países mudarem essa maneira tradicional de se olhar e encontrarem formas de cooperar e fazer coisas juntas”.

Aproveitamos para agradecer sua participação no debate e acolhemos com grande entusiasmo o convite para trabalhar em conjunto com o Conselho Mexicano de Assuntos Internacionais (COMEXI) em novas frentes de discussões e avanços na relação entre os países. Por fim, agradecemos, ainda, ao Embaixador José Botafogo Gonçalves por sua participação e mediação no evento, representando o CEBRI na mesa de trabalhos.

JUNHO DE 2017

O Governo Trump e a América Latina: O Impacto nas Relações Brasil-México

A dez semanas da eleição para a presidência americana, o então candidato republicano, Donald Trump, fez uma visita relâmpago ao México. Na capital mexicana, comentou sobre diálogo construtivo e interesses comuns, pouco falou sobre o muro que deseja construir e embarcou de volta para os Estados Unidos. Horas depois, retomou o tom duro, declarou que o país vizinho pagaria pelo muro e criminosos seriam deportados. Em janeiro deste ano, dias antes de visita agendada ao presidente americano, o presidente mexicano, Enrique Peña Nieto, decidiu cancelar o encontro, numa quinta-feira pela manhã. No mesmo dia, Trump questionava a validade da visita, pelo Twitter. Em abril, o presidente americano quase assinou uma *Executive Order* retirando os Estados Unidos do NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), mas voltou atrás, aceitando renegociá-lo. “Eu ia acabar com o NAFTA em dois ou três dias, mas tenho uma relação muito boa com o presidente do México e com o primeiro-ministro do Canadá, e eles me ligaram”, explicou Trump, dizendo “gosto muito deles” e que iria “segurar o fim do NAFTA”.

“Trump é um indivíduo um tanto estranho. Acho que podemos concordar sobre isso. Acho que podemos concordar também com o fato de que ele é auto-destrutivo”, diz o Embaixador do México, Andrés Rozental, diplomata de carreira por 35 anos, Embaixador no Reino Unido entre 1995 e 1998 e na Suécia entre 1983 a 1988. Fundador do Conselho Mexicano de Assuntos Internacionais, Rozental foi o palestrante-chave do evento CEBRI *Breaking News* “O Governo Trump e a América Latina: O Impacto nas Relações Brasil-México”, mediado pelo Embaixador José Botafogo Gonçalves, Vice Presidente Emérito do CEBRI. Andrés Rozental traçou o quadro de deterioração nas relações entre México e Estados Unidos, elencou os principais erros cometidos em política internacional pela Gestão Trump, defendeu e aprofundou o sentido positivo que o NAFTA vem tendo para todos os países integrantes e indicou que, em paralelo às perspectivas de mudanças no acordo multilateral, abre-se justamente por isso significativa janela de aproximação potencial entre os países da América Latina, em particular, com o Brasil.

O modelo do atual presidente americano traz incerteza. “Somente Trump, e ninguém mais, sabe o tipo de relacionamento que devemos esperar dos Estados Unidos. Isso é verdade para a China, a Rússia, o Oriente Médio, o Brasil. Nós simplesmente não sabemos. Ele é completamente imprevisível”, indica Rozental, mencionando a desmarcação logo do primeiro encontro oficial entre Trump e Peña Nieto na Casa Branca, em razão dos “insultos e ataques” contra o México. Ele esboça que, na prática, nos primeiros 120 dias de governo, Trump fez “todo o possível para destruir” os 25 anos de relacionamento entre os dois paí-

ses, desde o início do período de livre comércio, em que novas bases de relação foram construídas, comparadas ao antagonismo histórico, em que o México perdeu parte expressiva do território nacional em guerra com os americanos. “Tivemos um relacionamento muito tenso e adversário”, historia o embaixador mexicano, lembrando a conflagração e o o que chama de “a capacidade de os Estados Unidos tornarem a vida difícil para seus vizinhos”.

Desde o início da campanha presidencial, os mexicanos foram tratados como estupradores, criminosos, indesejados e por isso, na visão de Trump, a solução seria a construção de um muro ao longo da fronteira. As reações foram muitas, dentro e fora dos Estados Unidos. Milhares de manifestantes foram às ruas em diferentes cidades mexicanas contra Donald Trump. Formadores de opinião expressaram que o movimento não era contra os Estados Unidos ou contra o povo americano, mas contra a injustiça e a falta de respeito. Ex-Presidente do México entre 2000 e 2006, Vicente Fox, que havia sido CEO da Coca-Cola para o México e América Latina em décadas anteriores, vem desenvolvendo forte campanha em resposta a Trump, desde o ano passado, em entrevistas a grandes veículos de comunicação assim como nas próprias redes sociais. Nos canais digitais, protagoniza vídeos curtos e com linguagem provocadora. “Donald, em circunstância alguma vamos pagar por este monumento estúpido, inútil e racista”, disse Fox no mais recente vídeo. Ele também ridiculariza a ideia do muro, mostrando o desenho de uma escada doméstica e perguntando se realmente vai ser construído um muro de estimados US\$ 25 bilhões que pode ser suplantado por uma escada de US\$ 25. E compara que com este orçamento Trump poderia financiar água potável para o mundo todo por três anos. “Isso não é um legado melhor do que um muro de ódio sem sentido?”, questiona Fox.

“Não sei se é uma destruição irreparável, mas é claro que hoje, no México, existe a percepção de que a relação com os Estados Unidos se deteriorou consideravelmente”, diz Rozental. Para além das acusações frequentes ao México, o embaixador enumera alguns erros cometidos por Donald Trump em sua conduta presidencial: a demissão de James Comey, Diretor do FBI; a investigação sobre a interferência russa nas eleições presidenciais americanas; o alegado compartilhamento de informações altamente confidenciais com o Ministro das Relações Exteriores da Rússia, Sergey Lavrov, e o Embaixador russo em Washington, Sergey Kislyak, de informações altamente confidenciais; a insistência em se acreditar vencedor na votação popular no pleito presidencial, além da vitória no Colégio Eleitoral, assumindo que os 3 milhões de votos de diferença em favor da então candidata democrata, Hillary Clinton, teriam sido supostamente ilegais.

Rozental também enumerou o que qualifica como mitos produzidos na atual gestão americana. O primeiro deles é que acordos como o TPP (Acordo Transpacífico, negociado durante 8 anos por 12 países) e o NAFTA são causas do desemprego nos Estados Unidos. O segundo é que o México representa uma ameaça à Segurança Nacional dos Estados Unidos, devido a questões como tráfico de drogas, crime organizado e imigração ilegal. E o terceiro, o fato de que as exportações mexicanas para os Estados Unidos

são prejudiciais. “A realidade é diametralmente oposta a isso”, pondera. O embaixador alinha que apenas o México responde por 7 milhões de empregos nos Estados Unidos e o Canadá, por outros 5 milhões. Na prática, o NAFTA representa 30 milhões de empregos ligados ao comércio e do investimento entre os três países. Prossegue que os Estados Unidos totalizam US\$ 600 bilhões em déficits comerciais com o mundo, dos quais 12% equivalem ao resultado na balança comercial com o México, enquanto mais de 2/3 do resultado comercial negativo são com a China, União Europeia e Japão, países com os quais não há acordos de livre comércio. “Portanto, dizer que o livre comércio causa déficits é absurdo”, diz o embaixador mexicano, resumindo que déficits comerciais acontecem quando países gastam mais do que poupam. Além disso, complementa, o desemprego nos Estados Unidos decorre da inovação tecnológica e do fato de que algumas indústrias não são mais viáveis no país.

Ainda quanto ao NAFTA, Rozental esclarece que, ao fim de abril, Trump precisou recuar quando indicou que iria retirar os Estados Unidos do acordo, diante da enorme reação negativa de setores internos americanos que se beneficiam do relacionamento econômico com o México e com o Canadá. “Graças a esta reação, ele mudou de ideia”. Na prática, o embaixador sinaliza que chega, então, a hora de os americanos informarem o que desejam mudar no acordo, o que deverá incluir áreas, como o comércio digital, que não existiam à época das negociações, por exemplo. “Vamos ver o que acontece. Estamos dispostos a conversar com os americanos e canadenses sobre o que quiserem falar, exceto dois ou três temas”, a saber:

1. **O México não quer discutir tarifas**, posto que não seria compatível com um acordo de livre comércio.
2. **O México quer manter a Cláusula** de Proteção ao Investimento.
3. **O México não quer fazer mudança** substancial alguma no conceito fundamental de livre comércio do NAFTA.

A evolução das negociações em torno do acordo entre os três países também envolve o *timing* eleitoral interno de cada um. O México tem eleições presidenciais previstas para junho de 2018, enquanto os Estados Unidos farão eleições para Câmara, Senado e Governadores em novembro do ano que vem. Rozental observa a necessidade de os países serem capazes de finalizar quaisquer negociações sobre o NAFTA fora da interferência do calendário. Avançando em seu diagnóstico, o embaixador mexicano afirma que tradicionalmente o Congresso americano não costuma discutir o tema de relações comerciais em anos eleitorais. Da parte do México, lembra que o candidato considerado populista de esquerda Andrés Manuel López Obrador já disputou a liderança no Executivo mexicano duas vezes (em 2006 e 2012) e deverá partir para a terceira tentativa, com uma postura contrária ao que o NAFTA, os Estados Unidos e o livre comércio representam.

Na perspectiva latino-americana, Rozental reconhece que a atenção de Donald Trump se concentra, basicamente, no México, em Cuba e na Venezuela. Em Cuba, o motivador seria o processo de normalização da relação entre os dois países, iniciado pelo ex-Presidente Barack Obama, e a pressão de republicanos no Congresso no sentido de retorno ao estágio de relacionamento anterior com a ilha. Quanto à Venezuela, haveria preocupação com relação à evolução da crise no país, mas nada além disso. De forma geral, o *staff* do presidente Trump não conta com um representante com conhecimento ou interesse pela América Latina. De concreto, e diante da auto-referência e protecionismo da atual gestão americana, faz mais sentido os países latino-americanos se aproximarem. E neste aspecto, México e Brasil, que se acostumaram a olhar um para o outro com razoável dose de ceticismo e até um grau de rivalidade. Caso estas percepções tornem-se secundárias, os dois países podem fazer “coisas fantásticas juntos”, acredita o embaixador, que tem claro que a iniciativa privada de ambos países move-se sem prestar tanta atenção ao governo, mas em direção onde há oportunidade de negócios.

No cardápio, estariam o fortalecimento da relação bilateral México-Brasil e a aproximação entre os blocos da Aliança do Pacífico e do Mercosul. “O volume de investimentos do México cresceu muito no Brasil. Faz todo o sentido uma aproximação entre México e Brasil”, concorda o Embaixador José Botafogo Gonçalves. Ele ressalta, contudo, que há como que uma etapa anterior, que seria o Brasil alcançar uma política coordenada com o mundo e seus vizinhos mais próximos. “O Mercosul precisa passar por uma revisão e se tornar mais operacional, com mais decisões compartilhadas”, avalia Botafogo Gonçalves. Em 31 de maio, os ministros de Relações Exteriores do Brasil, Aloysio Nunes Ferreira, e do México, Luis Videgaray, acordaram em acelerar as negociações para ampliar o acordo comercial entre os dois países, durante reunião em Washington. Estiveram na capital americana para encontro extraordinário de chanceleres da Organização dos Estados Americanos (OEA), para discutir as crises política, econômica e humanitária da Venezuela. “Nos últimos meses estivemos trabalhando juntos na OEA, com relação a Venezuela. Os dois países estão muito preocupados com o que está acontecendo”, afirmou. “O mais importante, contudo, que fará México e Brasil se aproximarem ainda mais, está no front econômico”, concluiu, citando como exemplo a vinda de delegação do setor agroindustrial mexicano ao Brasil, para buscar fontes alternativas de abastecimento e diversificar para o suprimento além dos Estados Unidos. “É uma boa ideia abrir novas fontes de suprimento e não depender tão fortemente dos Estados Unidos, como dependemos”, completou.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Lado a lado

Chanceler alemã visita México acompanhada de delegação empresarial, em busca de fortalecer a relação comercial, registra o mexicano *El Financiero*.

Longe de Trump, perto de Alemanha: México recebe Angela Merkel



<http://www.elfinanciero.com.mx/mundo/lejos-de-trump-cerca-de-alemania-mexico-recibe-a-angela-merkel.html>

“

Não sei se é uma destruição irreparável, mas é claro que hoje, no México, existe a percepção de que a relação com os Estados Unidos se deteriorou consideravelmente.”

“

Estamos dispostos a conversar com os americanos e canadenses sobre o que quiserem falar (quanto ao NAFTA), exceto dois ou três temas.”

“

É uma boa ideia abrir novas fontes de suprimento e não depender tão fortemente dos Estados Unidos, como dependemos.”

“

Nos últimos meses, estivemos (México e Brasil) trabalhando juntos na OEA, com relação a Venezuela. Os dois países estão muito preocupados com o que está acontecendo.”

Embaixador Andrés Rozental

“

O volume de investimentos do México cresceu muito no Brasil. Faz todo o sentido uma aproximação entre México e Brasil.”

Embaixador José Botafogo Gonçalves, Vice Presidente Emérito do CEBRI



Biografias

Andrés Rozental

Andrés Rozental foi Embaixador do México no Reino Unido de 1995 a 1997. Membro de carreira do Serviço Exterior Mexicano por mais de 35 anos executando funções subsecretário de Relações Exteriores (1988-1994), Embaixador na Suécia (1983-1988), e em várias posições no Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Exterior. Desde 1994 ele tem o cargo vitalício de Eminente Embaixador do México. O Embaixador Rozental está ativamente envolvido em várias instituições e projetos não-governamentais sobre questões como governança global, política de migração, diplomacia latino-americana, alterações climáticas e a promoção da democracia. Ele é *Senior Fellow* da Brookings Institution, em Washington; Conselheiro Sênior da Chatham House, em Londres e diretor do Centro de Inovação Governança Internacional no Canadá e no Migration Policy Institute em Washington, DC. Ele foi fundador do Consejo Mexicano de Asuntos Internacionales (COMEXI).

José Botafogo Gonçalves

José Botafogo Gonçalves foi Embaixador do Brasil na Argentina de 2002 até 2004. Em 2000, foi escolhido pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso como Embaixador Especial para Assuntos do Mercosul. Em 1998, tomou posse como Ministro de Estado da Indústria, do Comércio e do Turismo do Brasil. De 1995 a 1998, foi Subsecretário-geral de Assuntos de Integração Econômica e de Comércio Exterior. Serviu como Cônsul - geral do Brasil em Milão entre 1991 e 1995. Foi Vice-Presidente de Relações Externas do Banco Mundial em Washington entre 1985 e 1987. No Brasil, assumiu cargos no MRE de Chefe dos Serviços Gerais de Administração (1970), da Divisão Política Financeira (1970 a 72) e da Divisão de Política Comercial (1977). Em 1979, foi Secretário de Cooperação Econômica e Técnica Internacional da Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Atualmente é Vice Presidente Emérito do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) e Conselheiro do Fórum do Futuro.

Conselho Curador do CEBRI

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Conselheiros

Aldo Rebelo

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Denise Gregory

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Maria Regina Soares de Lima

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Giannetti da Fonseca

Ronaldo Sardenberg

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2017 o quarto melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org